
O CONCEITO DE APLICAÇÃO SEGUNDO A HERMENÊUTICA RICOEURIANA: DESAFIOS E QUESTÕES

Fábio Galera

Resumo:

Para que a hermenêutica viesse a se tornar um projeto digno de seu título, seria atribuída a tarefa necessária de responder a três perguntas fundamentais que envolvem a tematização da aplicação. Para que sejamos capazes de apontar alguns dos desafios e questões da aplicação no interior da hermenêutica ricoeuriana, iremos tentar mapear a importância do conceito. Posteriormente faremos uma breve apresentação do modo como Ricoeur trata da aplicação em seu ensaio *Appropriation* e em sua obra *Tempo e Narrativa*. Com estes passos, acreditamos poder elucidar minimamente a importância e a função do conceito em seu projeto hermenêutico.

Palavras-chave:

Aplicação, *Mimesis*, Círculo hermenêutico, Tempo e narrativa.

Abstract:

*For this hermeneutic would become a project worthy of its title, would be assigned the task required to answer three fundamental questions that involve themes of application. For us to be able to point out some challenges and issues faced of the application within the hermeneutic ricoeuriana, we will try to map the importance of the concept. Later we will present briefly how Ricoeur deals with the application in your essay *Appropriation* and in your work *Time and Narrative*. With these steps, we believe we can minimally elucidate the importance and function of hermeneutical concept in your project.*

Key words:

Application, Mimesis, Hermeneutical circle, Time and narrative.

De acordo com o que tenho observado em minhas pesquisas, o conceito de aplicação possui extrema importância no interior do projeto hermenêutico de Paul Ricoeur, particularmente em sua obra *Tempo e narrativa*. Tentar demonstrar essa importância será o objetivo central desta reflexão, assim como esboçar sumariamente o emprego do referido termo em vista do percurso hermenêutico mais geral de Ricoeur e, em especial, demonstrar sua releitura do conceito na obra *Tempo e narrativa*. Mas, antes de entrar propriamente na discussão sugerida, é necessário tecer algumas considerações, para esclarecer o que chamo de *projeto hermenêutico* e para situar minha abordagem. Entendo como projeto o grande empreendimento de Ricoeur, que busca evidenciar a circularidade hermenêutica entre a dimensão temporal e a dimensão narrativa, em *Tempo e narrativa*. Ricoeur explicita essa circularidade de um modo mais geral afirmando que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal.” (RICOEUR: 2012a, 93). Esta será a sua tese, o seu maior desafio, que na verdade se multiplica e se desdobra em muitos outros.

Sendo assim, a despeito do que afirma Jean Grondin sobre o percurso hermenêutico de Ricoeur, em seu livro *Hermenêutica* (GRONDIN: 2012), chamo aqui de projeto hermenêutico o conjunto de desafios e questões que Ricoeur se propõe a enfrentar e formalizar em *Tempo e narrativa*, que estão articulados com a tese mencionada acima. Conforme Grondin, a trajetória de Ricoeur pelo caminho da hermenêutica “se desenvolveu no fio de vários grandes livros, que se estendem por um período de quase sessenta anos, de 1947 a 2004” (GRONDIN: 2012, 94-95.). Não obstante essa consideração de Grondin, a propósito da longa trajetória de Ricoeur na hermenêutica, o recorte da minha pesquisa está concentrado fundamentalmente na obra *Tempo e narrativa*.

Assim, a tarefa de Ricoeur que busca articular tempo e narrativa corresponde ao primeiro grupo de desafios que irá enfrentar em sua obra. Noutras palavras, Ricoeur terá de demonstrar a mediação ou ligação¹ entre tempo e narrativa, o que irá proporcionar a reflexão sobre o tempo a partir da narrativa, e ainda a reflexão

¹ Entenda-se os termos *mediação*, *ligação*, *encadeamento*, *entrecruzamento*, *refiguração* como palavras utilizadas por Ricoeur para se referir ao processo de distinção e reunião das partes constitutivas do círculo hermenêutico. Tais termos possuem a pretensão de deixar evidente o corte e a ligação entre os fenômenos particulares que ocorrem em cada estágio do percurso circular.

sobre a narrativa como um processo de formalização do tempo, tornando-o inteligível e passível de alguma explicação. O outro conjunto de desafios se refere à circularidade existente entre as três dimensões da *mimesis*, a tripla *mimesis* proposta por Ricoeur. Na verdade, esses dois grandes desafios se encontram entrelaçados de tal modo que a solução do segundo (o encadeamento das três *mimesis*) irá corresponder à solução do primeiro (a circularidade entre tempo e narrativa). Conforme Ricoeur, toda a sua estratégia gira em torno da subordinação do segundo problema ao primeiro. Segundo suas palavras: “É construindo a relação entre os três modos miméticos que constitui a mediação entre tempo e narrativa.” (RICOEUR: 2012a, 95).

Em vista desses desafios iniciais, Ricoeur irá apontar dois temas fundamentais que serão responsáveis por encadear o que chama de *mimesis* II (o plano de configuração do tempo na obra narrativa) e *mimesis* III (o plano de refiguração do tempo). O primeiro tema diz respeito ao *mundo do texto*, relacionado às questões da referência metafórica, desenvolvidas inicialmente em *A metáfora viva* e ampliado em *Tempo e narrativa*, e ainda diz respeito à sua concepção de texto, tratada especialmente em *Do texto à ação* (RICOEUR: 1989). O segundo tema diz respeito à aplicação, âmbito que tenho me interessado.

Dito isto, vou tentar agora pontuar brevemente o envolvimento da concepção da aplicação nas reflexões hermenêuticas de Ricoeur, partindo, primeiramente, de sua aproximação com o tema de um ponto anterior à *Tempo e narrativa*, buscando evidenciar sua importância, retrospectivamente. Em 1972, Ricoeur nos ofereceu um tratamento bastante interessante para o fenômeno da aplicação, porém, enfrentou suas questões e desafios nomeando a temática como *apropriação*, em seu ensaio *Appropriation* (RICOEUR: 1982, 131.) – texto que corresponde a um conjunto de palestras ministradas entre 1972 e 1973², e que posteriormente Ricoeur escreveu e ofereceu a John Brookshire Thompson, com quem, a propósito, tenho negociado o direito de tradução e publicação em língua portuguesa.

Neste ensaio Ricoeur irá formalizar o tema da apropriação, dividindo sua reflexão em três momentos: no primeiro momento, a noção de apropriação é associada à concepção de distanciamento, concepção esta que remete a discussão sobre a

² Conforme Thompson: “This essay [*Appropriation*], which forms part of a lecture course given by Ricoeur in 1972-3, is published here for the first time.” (Ricoeur: 1982, 23).

Verfremdung ou distanciamento alienante, tratado por Gadamer, porém aqui compreendido de maneira diversa; num segundo momento, a noção de apropriação é articulada à revelação de um mundo por parte da obra, que será operado pelo conceito de jogo, recuperado a partir da obra *Verdade e método*; por fim, Ricoeur identifica as ilusões ou erros que decorrem da noção de sujeito e que o conceito de apropriação deverá estar empenhado em superar.

Aqui, a apropriação está relacionada ao distanciamento como a contraparte de um movimento dialético. Distanciamento e apropriação funcionam dialeticamente. Segundo Ricoeur, essa dialética pode ser considerada como a imagem final da dialética entre a explicação e a compreensão. Ela refere-se a uma característica presente em todo texto, a saber, que todo texto está essencialmente dirigido a alguém. Mas não se trata de pensar, devido a essa característica, que o texto se dirige a alguém em especial. O texto é dirigido a alguém que saiba ler, o que generaliza o leitor. Isto equivale a uma des-subjetivação do leitor, que será tratada nesse ensaio e que também remete ao seu ensaio *A função hermenêutica do distanciamento*. Neste outro, ao tratar do distanciamento próprio ao texto que proporciona o estatuto real de sua dimensão ficcional, Ricoeur irá pensar na questão da subjetividade do leitor. Para que este possa ter o privilégio de entrar em contato com sua subjetividade real, será necessário suspendê-la, irrealizá-la, potencializá-la. Conforme Ricoeur, do mesmo modo como o mundo revelado pelo texto “a subjetividade do leitor só advém a ela mesma na medida em que é colocada em suspenso, irrealizada, potencializada, da mesma forma que o mundo manifestado pelo texto.” (RICOEUR: 1990, 58).

Assim, tal processo de potencialização se assemelha ao distanciamento próprio ao texto em sua proposição de um mundo. Este mundo só ganhará densidade ontológica caso o texto perca a sua referência de primeiro nível, distanciando-se assim de sua ancoragem histórica. De modo análogo, o leitor deverá perder a sua subjetividade, ou seja, sua subjetividade deverá ser suspensa. É isto que Ricoeur pretendeu expressar com a expressão “potencialização do leitor” (RICOEUR: 1982, 182). O leitor real deve ser potencializado no sentido de tornar-se o leitor ideal do texto.

Segundo Ricoeur,

Apropriar significa tornar próprio o que era inicialmente estrangeiro. De acordo com a intenção da palavra, o objetivo de toda hermenêutica é lutar contra o distanciamento cultural e a alienação histórica. A interpretação reúne, iguala, torna contemporâneo e

semelhante. Essa meta é alcançada somente na medida em que a interpretação atualiza o sentido de um texto para a situação presente do leitor. A apropriação é o conceito adequado para a atualização de sentido enquanto é dirigido a alguém. (RICOEUR: 1982, 185).

Nesta passagem temos explicitado o conceito de apropriação. A apropriação é de algum modo constitutiva e necessária ao processo de interpretação, conforme o que afirma Ricoeur. Enquanto resposta ou resultado do processo de interpretação, na medida em que a interpretação hermenêutica torna próprio o sentido de um texto, ultrapassando, assim, o distanciamento histórico, cultural, linguístico, temporal, ocorre uma espécie de aproximação. Essa aproximação torna duas dimensões contemporâneas, torna semelhante o que não era, ou seja, faz convergir, reúne dois mundos diversos que estavam inicialmente deslocados, separados. Porém, cabe lembrar que o mundo do qual se aproxima o mundo do leitor não é o mundo histórico original no qual a obra foi concebida. Se fosse assim, estaríamos presos ainda às pretensões da hermenêutica romântica. Os mundos que se aproximam são, conforme Ricoeur, o mundo do leitor e o mundo configurado na obra. Noutras palavras, encontram-se o mundo do leitor e a referência de segundo nível.

No segundo momento do ensaio, Ricoeur pensou na apropriação como um jogo. O modo de ser da apropriação, ou seja, a maneira segundo a qual ela é realizada, pode ser identificado com o modo de ser do jogo. Esta afirmação decorre do próprio título que Ricoeur deu a esta parte de sua reflexão (O jogo como o modo de ser da apropriação). Assim, Ricoeur matiza o conceito de apropriação com as cores de uma transformação (*Verwandlung*) que deve necessariamente ocorrer com a realidade, com o autor, e com o leitor. Ricoeur afirma que não só a realidade é transformada, “mas também o autor e o leitor.” (RICOEUR: 1982, 185-186).

Enquanto Gadamer tratou do tema do jogo e da configuração a partir de uma exemplificação da representação (*Darstellung*) cênica, Ricoeur carrega a discussão do jogo para o fenômeno da leitura. Apesar da contribuição de Ricoeur com esse deslocamento da exemplaridade do jogo, da cena para a leitura, Gadamer já havia previsto a transformação da realidade, dos jogadores, do espectador e do poeta, na passagem do jogo para a configuração. Restaria saber quais são as diferenças efetivas que poderiam ser apontadas acerca das transformações, no caso de Ricoeur e no caso de Gadamer. Ricoeur irá aproveitar o conceito de configuração, que antes foi empregado para descrever o sentido ontológico da obra de arte, para descrever a estrutura do

fenômeno da apropriação que ocorre na leitura. O que não podemos desconsiderar é que a leitura literária é também uma experiência da ordem da experiência da obra de arte.

Para Ricoeur, o autor de uma obra literária não será mais o autor real, ou autor biográfico, o autor de carne e osso que existiu, viveu e morreu. O autor de uma obra literária deverá ser considerado apenas como uma construção lúdica. Já que no jogo a realidade é transformada num mundo lúdico, o autor deverá seguir o mesmo caminho. Ricoeur defende que a relação entre um autor e sua obra é uma relação lúdica e isto pode vir a ser comprovado pelas análises de diversas teorias da literatura da Inglaterra e da Alemanha. Aqui, Ricoeur faz referência às teorias do foco narrativo. Segundo Ricoeur, o termo ponto de vista pretende dar conta das variações no tratamento da relação entre o escritor de romances e suas personagens. Conforme Ricoeur,

O fato mesmo de que tem havido numerosas soluções para esse problema técnico resulta, em minha opinião, do caráter lúdico da própria relação. O autor é reproduzido ficcionalmente; e as modalidades diferentes da relação do autor com a narração são como muitos papéis desta relação lúdica. (RICOEUR: 1982, 188).

A partir do que Ricoeur defende, o autor não passa de uma reprodução ficcional, que de algum modo dá conta do problema de se pensar a relação entre autor e personagens.

Resta ainda observar o que ocorre com a outra ponta do jogo: o leitor. Para Ricoeur, o leitor será convidado a submeter seu ego, sua subjetividade ao próprio jogo. Ricoeur dá o exemplo da obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*. Quando o narrador se dirige a nós, “e você, boa alma...”, esse você não é uma pessoa banal que sabe que Werther não existiu, mas é o mim que acredita em ficção.” (RICOEUR: 1982, 189). Assim ocorre uma transformação do leitor, que não serei mais eu mesmo que leio a obra e sei a diferença entre a realidade a ficção, mas passo enquanto leitor a existir como um papel a ser representado no jogo da leitura. Ricoeur acrescenta ainda que essa transformação dá a ver o que eu enquanto leitor verdadeiramente sou (RICOEUR: 1982, 189). O leitor, assim entendido, é também um papel lúdico a ser representado. Esse papel contido na obra de algum modo, seja expressamente declarado ou não, deve ser representado por mim mesmo, imaginariamente, o que irá submeter minha subjetividade a uma transformação.

Neste momento Ricoeur recupera o tema da congenialidade na hermenêutica romântica e a reinterpreta. Ele argumenta que, caso haja alguma congenialidade entre

autor e leitor, esta relação deverá ser uma relação lúdica. A congenialidade deve ser pensada como uma dupla transformação, que só pode ser exercida entre um autor lúdico (*playful author*) e um leitor lúdico (*playful reader*) (RICOEUR: 1982, 189). Deste modo, Ricoeur generaliza a questão para se pensar a transformação sofrida pela subjetividade do leitor. Conforme suas palavras,

É fácil, portanto, generalizar tudo isso para além do romance ou história (story): mesmo quando lemos uma obra filosófica, é sempre uma questão de entrar dentro de uma obra alheia, de despojar o mim o quanto antes para receber, como no jogo, o si (self) conferido pela obra ela mesma. (RICOEUR: 1982, 190).

Assim, temos tanto o autor como o leitor entendidos por Ricoeur como uma configuração lúdica. Tanto o autor como o leitor deverão ser compreendidos no interior do processo de apropriação do sentido de um texto numa dinâmica de apagamento de seu traço subjetivo. Este foi o tema explícito do terceiro momento do ensaio de Ricoeur.

Nas seções anteriores do ensaio, Ricoeur prepara o terreno para essa discussão sobre a subjetividade no processo de apropriação do sentido de um texto. Primeiramente, Ricoeur defende a apropriação como sendo a contraparte do distanciamento histórico necessário ao processo de compreensão. Este procedimento inicial, desloca a origem do sentido para o próprio texto. Na verdade o sentido do texto está em sua idealidade, está na própria obra, e não no contexto no qual foi concebida, nem no autor que a estruturou. Em seguida, Ricoeur recupera a análise de Gadamer sobre o jogo para afirmar a transformação da realidade, do autor e do leitor, quando a obra é apropriada. Assim, o modo próprio de ser da obra de arte é o modo de ser do jogo. O leitor deve se comportar na leitura como aquele que segue as instruções de leitura, deve realizar e concretizar o papel que lhe foi designado num dado jogo, que está configurado na obra literária.

É neste ponto que nos vemos, finalmente, no terceiro momento do ensaio de Ricoeur. Agora ele enfrenta a associação que se tem feito da apropriação hermenêutica com a questão da subjetividade. São apontados três erros fundamentais que matizam a apropriação hermenêutica como sendo um processo de compreensão, que extrai sua constituição diretamente da subjetividade. O primeiro deles nos faz retornar à pretensão romântica da coincidência congenial, pressupondo uma comunicação entre autor e leitor; o segundo erro pressupõe uma recepção original da obra, portanto com a pretensão de encontrar o sentido objetivamente, pois ele estaria fixo no lugar de um

receptor histórico original; o terceiro erro deposita a confiança do êxito interpretativo nas capacidades limitadas de compreensão do leitor.

Ricoeur defende que a noção de sujeito deve ser submetida a uma crítica. Ele aponta o problema como sendo a primazia do sujeito, originada na filosofia de Descartes, Kant e Husserl. São indicadas algumas vias para se pensar esta crítica do sujeito. O que podemos assinalar como sendo o fundamental dessa discussão, diz respeito àquilo que Ricoeur defende como uma renúncia do sujeito. Conforme Ricoeur, “A renúncia é um momento fundamental da apropriação e a distingue de qualquer forma de tomar posse. A apropriação é também e primeiramente um deixar levar-se. A leitura é uma apropriação-desapropriação.” (RICOEUR: 1982, 191).

Mas, podemos nos perguntar como essa desapropriação, fundamentada na renúncia, ocorre no processo de leitura. Ele mesmo se pergunta, retoricamente, sobre como incorporar na apropriação a desapropriação, essa renúncia do sujeito. Se compararmos com a proposta do jogo, em Gadamer, essa desapropriação ocorre quando o jogo se torna configuração, transformando, assim, autor, leitor, e realidade em seu verdadeiro, que exclui qualquer possibilidade de subjetivação. No caso de Ricoeur, sua resposta para esta questão executa uma virada: a ênfase agora irá recair não sobre o sujeito, mas sobre o mundo que o texto abre. A apropriação, assim, será pensada pelo polo da força reveladora do texto. É valorizando essa relação entre a apropriação e a abertura de um mundo que Ricoeur sugere a renúncia do sujeito, pois quando o leitor se deixa agarrar pelo mundo do texto, aí ocorreu a desapropriação (RICOEUR: 1982, 191).

Assim, a apropriação nada tem a ver com um modo de se apossar do sentido, o agarrando e controlando. Na verdade a apropriação, entendida como uma desapropriação do sujeito implica, na verdade, um deixar levar-se para o mundo do texto. Ainda sobre essa relação entre o leitor e o mundo do texto, Ricoeur afirma no início do ensaio dizendo que, caso seja “correto dizer que a interpretação diz respeito essencialmente à força da obra ficcional de abrir um mundo, então a relação do leitor com o texto é essencialmente sua relação com o tipo de mundo que o texto oferece.” (RICOEUR: 1982, 182). Deste modo, a questão fundamental da interpretação será justamente a relação entre o leitor, desapropriado de si mesmo, e o mundo do texto.

Esta visada de Ricoeur redimensiona totalmente o nosso entendimento sobre a apropriação do sentido de um texto e ainda anuncia a redimensionalização do

problema da subjetividade. Em certo sentido, a questão da subjetividade deve ser pensada, partindo-se dessa proposta de apropriação-desapropriação do sujeito, no ato da leitura. Com isso, Ricoeur sugere o tratamento da questão da subjetividade tomando de empréstimo a condição fundamental da analítica do *Dasein*, mesmo que Heidegger não tivesse interesse em tematizar a subjetividade do sujeito diretamente, tal como está sendo proposto. Segundo Ricoeur,

Longe de dizer que um sujeito, que já é senhor de seu próprio ser-no-mundo, projeta o *a priori* de sua própria compreensão e insere esse *a priori* no texto, eu diria que a apropriação é o processo através do qual a revelação de novos modos de ser – ou, se preferir Wittgenstein a Heidegger, novas formas de vida – dão ao sujeito novas capacidades para conhecer a si mesmo. Se a referência de um texto é a projeção de um mundo, então não é o leitor que em primeira instância projeta a si mesmo. O leitor é antes alargado em suas capacidades para projetar a si mesmo, recebendo um novo modo de ser a partir do próprio texto. (RICOEUR: 1982, 192).

Conforme está destacado, podemos dizer que Ricoeur pressupõe a inserção do leitor numa relação fundamental com o texto, melhor dizendo, em relação com o mundo revelado pelo texto. Nessa relação fundamental, o leitor não está na possibilidade de controlar e manipular seu ser-no-mundo de modo *a priori*, inserindo essa dominação de seu ser-no-mundo no sentido próprio do texto. Antes dessa possibilidade de controle de seu estar lançado no mundo assim como de sua compreensão, o texto oferece modos possíveis de ser-no-mundo. Diante dessa proposição de modos de ser, o leitor terá a possibilidade de compreender-se melhor como um modo de ser dentre outros modos de ser projetados pelo mundo do texto. Assim, o leitor poderá re-projetar a si mesmo, pois teve suas capacidades de projeção alargadas pelo texto.

Retornando à obra *Tempo e narrativa*, desde o primeiro volume, publicado em 1983, há uma pequena passagem em que Ricoeur associa o estágio da *mimesis* III ao que Gadamer chamou, em sua hermenêutica, de aplicação. Para explicar sua posição, Ricoeur, afirma que, no estágio da *mimesis* III, “a narrativa alcança seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer na *mimesis* III” (RICOEUR: 2012a, 122-123). Completando essa ideia, Ricoeur afirma ainda, que “*mimesis* III marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, portanto, entre o mundo configurado pelo poema e o mundo no qual a ação efetiva se desdobra e desdobra sua temporalidade específica” (RICOEUR: 2012a, 123).

Depois disso, parece que Ricoeur só recupera o tema da aplicação explicitamente em sua nota número 1, do capítulo *Mundo do texto e mundo do leitor*, contido em *Tempo e Narrativa III*. Ricoeur sugere novamente a aproximação entre o conceito de aplicação, tratado por Gadamer, e sua proposta do *arco hermenêutico*. A propósito da aplicação em Gadamer, Ricoeur afirma que “É num sentido *parecido* que falo em outra parte do arco hermenêutico que se eleva da vida, atravessa a obra literária e retorna à vida. *A aplicação constitui o último segmento desse arco integral.*” (RICOEUR: 2012b, 269, grifo nosso). A respeito desse arco, é necessário associar a sua imagem ao arco composto pela tripla *mimesis*.

Ainda numa outra passagem de *Tempo e Narrativa III*, Ricoeur assume mais abertamente as questões da aplicação como sendo um problema a ser enfrentado pela teoria da leitura, pois é na leitura que será realizada efetivamente a mediação entre o tempo e a narrativa. A respeito da função mediadora da leitura, que irá ocupar o papel de encadear a *mimesis II* e a *mimesis III*, Ricoeur se pergunta sobre o porquê da leitura ocupar o papel de mediação em sua hermenêutica (RICOEUR: 2012b, 269). Ele responde a sua própria pergunta, imediatamente, dizendo que a leitura irá promover o desdobramento da segunda metade do trajeto da aplicação. A primeira metade se refere ao problema da referência ou do mundo do texto. Tudo o que foi dito demonstra que, tanto na obra *Tempo e Narrativa* quanto fora dela, Ricoeur trata da questão da aplicação (RICOEUR: 2012b, 269) como um tema chave de todo projeto hermenêutico.

Agora pretendo realizar uma breve incursão na *estrutura dialética da operação de refiguração do tempo* (RICOEUR: 2012b, 304), que irá evidenciar mais claramente o processo de mediação da leitura, tal como a entendeu Ricoeur. Na verdade este é o tratamento indireto que Ricoeur oferece para o fenômeno da aplicação. Neste nível da discussão Ricoeur incorpora as contribuições da Estética da Recepção, elaborando a caracterização tensional da dialética própria ao seu projeto hermenêutico.

Para começar a dar forma a essa fenomenologia do ato de ler, Ricoeur convida para o jogo da leitura o aspecto inacabado do texto literário. Este será o ponto de partida para essa fenomenologia. Comparada à *retórica da persuasão*, que se apoia na coerência das estratégias do autor implicado na obra, o autor lúdico, a fenomenologia será apoiada pelo modo de ser inacabado do texto. Ricoeur destaca duas perspectivas em que o texto pode ser considerado inacabado, conforme afirmado por Roman

Ingarden. Num sentido, o texto é inacabado por exigir do leitor uma espécie de concretização das *visões esquemáticas* oferecidas pelo texto. Assim, é exigida do leitor uma “atividade *imagética* mediante a qual o leitor se esforça para *figurar para si* os personagens e os acontecimentos narrados pelo texto” (RICOEUR: 2012b, 287). A outra perspectiva em que o texto se manifesta inacabado diz respeito à necessidade de o leitor realizar a operação de composição do mundo proposto no texto. No entanto, este jogo só será verdadeiramente efetuado caso o leitor o ancore em “suas próprias expectativas” de leitura, não podendo ocorrer de outra forma. E isto irá provocar a modificação das expectativas do leitor.

Levando em conta esse caráter inacabado do texto, Ricoeur irá destacar o movimento dialético que ocorre na leitura, acentuando e enriquecendo o traço de *resposta* ou *retruque* do leitor às instâncias inacabadas, ou seja, o que ficará em destaque é o efeito provocado pelo texto no leitor. É devido a esse aspecto inacabado do texto, que podemos pensar no caráter dialético da leitura. O ato de leitura poderá ser pensado, então, a partir de um movimento dialético executado em três atos.

A primeira dialética diz respeito à tendência que o romance moderno realiza brilhantemente; tendência esta que pretende *frustrar* ou *decepcionar* a expectativa do leitor em encontrar facilmente uma legibilidade ou coerência na configuração textual. Articulada enquanto intencionalidade do autor implicado na obra, na medida em que esta pretensão consiste em seu plano retórico, tal estratégia coloca “nas costas do leitor a tarefa de configurar a obra.” (RICOEUR: 2012b, 289). Assim, a dialética é operada justamente a partir do *combate* entre o texto e o leitor: temos o texto esforçando-se para impedir a realização da compreensão do leitor, dedicando-se em extraviar e minar o sentido nas trincheiras do texto, para o leitor não lograr a configuração; na mesma medida, o leitor estará empenhado em atravessar o campo e conquistar todo o território inimigo, para fincar sua bandeira e controlar as riquezas da terra. Dito de outro modo, a leitura é como um “piquenique em que o autor traz as palavras e o leitor a significação.” (RICOEUR: 2012b, 289).

Uma segunda dialética vai caminhar em sentido contrário. Enquanto a primeira dialética é presidida pelo combate e está inclinada para a direção da falta de sentido do texto, a segunda revela-se inclinada para a direção do excesso de sentido oferecido pelo texto na leitura. Ainda que o texto seja essencialmente fragmentário e

lacunar, o próprio texto se revela *inesgotável a leituras*, combatendo a sua própria capacidade de frustrar o leitor. No complexo processo de seleção e concretização imagética que ocorre na operação da leitura, a atividade do leitor de figurar a obra está devotada a dar forma ao *lado não escrito do texto*. É esta dialética que faculta a afirmação de que o texto vigora numa oscilação, alternando ora em *falta*, ora em *excesso*, no que se refere à atividade de leitura (RICOEUR: 2012b, 289).

Segundo o *ponto de vista do texto*, na primeira dialética, este se esforça para não ter sentido. Na segunda, ao contrário, o texto luta com o leitor oferecendo sentidos inesgotáveis. Já sob o *ponto de vista do leitor*, na primeira dialética, o leitor irá travar um duelo com o texto para lhe dar sentido. Sob o mesmo ponto de vista, na segunda dialética, o leitor deverá buscar equilibrar-se com o texto e selecionar o que está sendo oferecido como possibilidade de sentido. É como um cabo de guerra, que, no entanto, deverá manter-se constantemente tensionado. Esse equilíbrio tensional coloca em cena já uma terceira dialética da leitura, que ocorre no horizonte da busca de coerência. Conforme Ricoeur, essa busca de coerência, caso seja

bem-sucedida demais, o não familiar torna-se familiar, e o leitor sentindo-se em pé de igualdade com a obra, acaba acreditando nela a ponto de ali se perder; (...). Se a busca fracassa, o estranho continua estranho, e o leitor não consegue entrar na obra. A “boa” leitura é portanto aquela que ao mesmo tempo admite um certo grau de ilusão (...). A “boa” distância com relação à obra é aquela em que a ilusão se torna alternadamente irresistível e insustentável. Quanto ao equilíbrio entre esses dois impulsos, ele nunca é alcançado. (RICOEUR: 2012b, 290).

É com base nesses três atos dialéticos, operados através da atividade de leitura, realizada por um leitor real³, que Ricoeur irá defender a experiência *viva* da leitura. A leitura só poderá ser considerada viva e assim operar em si mesma a mediação entre *mimesis* II e *mimesis* III, se estiver sendo articulada por esse exercício dialético. Isto é o que dá a possibilidade de afirmar que as “três dialéticas tomadas conjuntamente fazem da leitura uma experiência *viva*” (RICOEUR: 2012b, 290).

Para concluir, gostaria de afirmar que o modo segundo o qual Ricoeur pretende demonstrar a solução do problema do encadeamento entre o tempo e a narrativa através de uma longa abordagem que irá culminar no problema da aplicação,

³ Conforme Ricoeur, “a fenomenologia do ato de leitura, para dar toda a sua amplitude ao tema da *interação*, precisa de um leitor de carne e osso, que, realizando o papel do leitor preestruturado no e pelo texto, o *transforma*”, (RICOEUR: 2012b, 292).

sendo tratado de modo indireto pelas teorias da leitura, demonstra ser uma abordagem urgente para integrar a dimensão da linguagem e a dimensão da vida. Isto é o que Ricoeur aponta como o encadeamento da tripla *mimesis*, e que aqui peguei o problema apenas pela ponta da aplicação, encadeando *mimesis* II e *mimesis* III. Ricoeur não apresenta como solução uma mera teoria que resultaria de uma composição de várias teorias, mas realiza, na verdade, um longo percurso teórico e um longo diálogo com toda uma tradição de pensamento, para tentar demonstrar uma verdadeira aplicação. Sua articulação reinsere no conceito da *mimesis* a sua dimensão esquecida, a dimensão da práxis, retomando a *mimesis práxeos* de Aristóteles, reformulando o conceito, pois a atenção daqueles que pensaram a *mimesis* geralmente foi dirigida exclusivamente para a sua dimensão linguística, ao longo da história da recepção do termo. Isto significa que essa tripartição é da maior importância, porque sua recepção até aqui só fez enclausurar a dinâmica da *mimesis práxeos* em seu momento textual linguístico. É exatamente para o resgate da dinâmica tensional entre texto e mundo (ou poderia dizer também texto e vida ou texto e ação) que os empenhos de Ricoeur são dirigidos. Sua reflexão realiza uma reinterpretação e um resgate dessa possível falta histórica para com a concepção mimética.

Segundo o projeto hermenêutico de Ricoeur, no processo mesmo da aplicação, recai sobre o leitor uma importância capital, pois ele é entendido como o agente operador fundamental da leitura/aplicação. Este processo hermenêutico irá considerar a inserção do leitor na dinâmica circular da tripla *mimesis*, o que fará dele a hora e o lugar da refiguração do tempo, transformando o tempo ficcional, configurado na obra, em tempo humano. Conforme o próprio Ricoeur sugere, “é tarefa da hermenêutica reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se destaca do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim muda seu agir.” (RICOEUR: 2012a, 94-95).

Gostaria ainda de indicar que tenho trabalhado com a hipótese de que o processo da aplicação representa um momento fundamental para o desdobramento do conceito de *identidade narrativa*. Esta é uma hipótese que apenas anuncio, mas que não poderei tratar aqui de forma adequada, por uma questão de economia e pelo fato de ainda não a ter elaborado propriamente. Talvez seja possível entender o conceito de identidade narrativa, como uma maneira de tentar solucionar as aporias decorrentes do

problema fundamental de toda hermenêutica, o problema da aplicação. No entanto, apesar disso, não podemos esquecer do papel da renúncia do sujeito. É com base na renúncia fundamental do sujeito pleno e *a priori* que Ricoeur pretende refutar a primazia do sujeito no processo de interpretação. Esta era a intenção inicial e última de seu ensaio *Apropriação*. Ricoeur tinha em mente desde o início refutar o sujeito soberano na interpretação. Desde o começo do ensaio ele afirma que a atividade de compreender não está fundamentalmente constituída na projeção de si mesmo na leitura, mas está sim em “receber um si alargado a partir da apreensão dos mundos propostos, que são os objetos genuínos de interpretação” (RICOEUR: 1982, 182-183).

Referências Bibliográficas:

- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- RICOEUR, Paul. A função hermenêutica do distanciamento. In: **Interpretação e ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- _____. Appropriation. In: **Hermeneutics & the human sciences**. Edited and Translated by John B. Tompson. Australia: Cambridge University Press, 1982.
- _____. **Tempo e narrativa**. Volume I. Tradução de Claudia Berliner. 1ª ed. 2ª tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.
- _____. **Tempo e narrativa**. Volume III. Tradução de Claudia Berliner. 1ª ed. 2ª tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.
- _____. **Temps et récit**. Tome I. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- _____. **Temps et récit**. Tome III. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- _____. **Du texte à l'action**: essais d'herméneutique. II. Paris: Éditions du Seuil, 1986.
- _____. **Do texto à acção**: ensaios de hermenêutica II. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto – Portugal: Rés Editora, 1989.